PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Empreendedorismo na Favela
Faces da Rocinha

Aline Von Der Heide Silva

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCS

DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

Graduação em Administração de Empresas

Rio de Janeiro, Novembro de 2021.

Aline Von Der Heide Silva

Empreendedorismo na Favela

Faces da Rocinha

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao programa de graduação em Administração da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Administração.

Orientador(a): Luiza Martins

Rio de Janeiro, Novembro de 2021.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a **Deus** por me proporcionar a oportunidade de conseguir uma bolsa de estudos integral numa universidade tão importante e por me manter de pé mesmo em meio a todo caos que foi a minha vida no ano de 2021.

Agradeço também à minha **mãe** que há quase 13 anos cumpre perfeitamente o papel de pai e mãe, não me deixando faltar nada, acreditando em mim e colocando meus estudos à frente de qualquer outra obrigação, sem você eu não teria chegado até aqui. Juntamente a ela, agradeço a minha **tia-madrinha** que sempre foi minha segunda mãe e uma grande companheira. Ao meu **pai**, que infelizmente não poderá participar dessa alegria, obrigada por sempre cuidar de mim, mesmo que ai de cima. Eu amo muito vocês três.

Gratidão eterna à família que Deus me deu, **Davi** e **Sara**, sem o apoio, as conversas e os momentos de descontração eu não teria mantido a sanidade, vocês são uma parte muito importante de mim, não se esqueçam!

Às minhas queridas amigas e eternos presentes da PUC, **Ari, Brenda, Crystal**, **Dani, Gi, Lara e Pat**, minhas companheiras de (quase) todos os dias, de comemoração, estudos, desespero… simplesmente não sei como teria sido toda essa trajetória na PUC sem vocês, obrigada pelos momentos, conselhos, colos e puxões de orelha, serei eternamente grata à vida e à PUC-Rio por ter conhecido vocês!

Agradeço também à minha orientadora **Luiza** que, apesar de não ter conhecimento sobre nada do que aconteceu em minha vida durante esse ano, foi totalmente compreensível e flexível em relação ao desenvolvimento do meu estudo. Obrigada, Luiza, você, mesmo sem saber, foi de suma importância para que eu conseguisse chegar até aqui.

Por fim, agradeço a todos os professores que tive o prazer de ser aluna, vocês tornaram essa caminhada possível, graças a vocês me formo com a certeza de que tive a melhor base que poderia escolher.

Resumo

Silva, Aline Von Der Heide. Martins, Luiza. Empreendedorismo Favela: Faces do empreendedorismo na Rocinha. Rio de Janeiro, 2021. 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Administração. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente estudo tem como objetivo identificar alguns dos fatores que motivaram os entrevistados na decisão de empreender, verificando se as situações vivenciadas na comunidade influenciaram de alguma maneira nessa motivação. Apresentam-se informações relacionadas às taxas de empreendedorismo no brasil, relacionando-as com as taxas de desemprego, e reflete-se sobre a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho e sobre o empreendedorismo como uma alternativa de geração de receita. A partir de uma metodologia qualitativa entrevistou-se empreendedores da Rocinha, favela localizada no município do Rio de Janeiro, para entender quais foram suas motivações para abrir um negócio. Nos resultados, consideraram-se assuntos como a percepção sobre o empreendedorismo e o desemprego na comunidade, reflexos da pandemia e motivações para o nascimento do negócio.

Palavras- chave

Rocinha; Motivação para empreender; Empreendedorismo por necessidade; Desemprego

Abstract

Silva, Aline Von Der Heide. Martins, Luiza. Entrepreneurship at the Favela: Faces of entrepreneurship in Rocinha. Rio de Janeiro, 2021. 36 pag. Rio de Janeiro, 2021. Term Paper – Department of Business Administration. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present study aims to identify some of the factors that motivated the interviewees in the decision to become entrepreneurs, verifying whether the situations experienced in the community somehow influenced this motivation. Information related to entrepreneurship rates in Brazil are presented, relating them to unemployment rates, and reflections are made on the difficulty of accessing the labor market and on entrepreneurship as an alternative for generating income. Based on a qualitative methodology, entrepreneurs from Rocinha, a favela located in the city of Rio de Janeiro, were interviewed to understand their motivations for opening a business. The results considered issues such as the perception of entrepreneurship and unemployment in the community, consequences of the pandemic and motivations for the creating businesses.

Key-words

Rocinha; Entrepreneurship Motivation; Need based entrepreneurship; Unemployment.

Sumário

1 . Introdução **Erro! Indicador não definido.**3

2 . Referencial teórico 5
2.1 Empreendedorismo 5
2.2 Pequenos empreendimentos 6
2.3 Empreendedorismo no Brasil 7
2.3.1 A importância do pequeno empreendedor 9
2.3.2 Empreendedorismo por necessidade 10
2.3.3 O empreendedorismo na base da pirâmide 12

3 . Metodologia 15
3.1 Sujeito do estudo 16
3.2 Coleta de dados para a análise 16
3.3 Análise dos **Erro! Indicador não definido.**17

4 . Apresentação e análise dos resultados 19
4.1 Sociodemo**Erro! Indicador não definido.**

5 . Considerações Finais 28

Referências Bibliográficas 31

ANEXO I 35

Lista de figuras

Figura 1: Gráfico das taxas de empreendedorismo segundo estágio do empreendimento

Lista de tabelas

Tabela 1: Divisão dos respondentes entre sexo e faixa etária
Tabela 2: Nível de escolaridade entre os respondentes
Tabela 3: Renda individual bruta dos entrevistados

1 Introdução

1.1. O tema e o problema do estudo

O desemprego tornou-se um pesadelo na vida da população brasileira que, nos últimos anos, assistiu de perto um aumento do número de pessoas perdendo seus empregos formais. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), realizada pelo IBGE, mostram que a taxa de desocupação no Brasil atingiu 14,1% no 2° trimestre de 2021, subindo 0,8% em comparação ao mesmo período de 2020 onde a taxa foi de 13,3%. Entre os jovens de 18 a 24 anos e adultos de 25 a 39 anos as taxas foram de 29,5% e 13,8% respectivamente. Em 2021, o estado do Rio de Janeiro teve um aumento expressivo no número de pessoas desempregadas, subindo de 17,4% no 1° trimestre de 2020 para 19,4% no mesmo período de 2021 e foi o estado da região Sudeste com a maior taxa de desocupação (IBGE, 2021).

Os moradores das favelas não passam por uma situação diferente. Em estudo realizado através da pesquisa “Coronavírus nas favelas: a desigualdade e o racismo sem máscaras”, mostra-se que mais de 54% da população moradora de comunidades do Rio de Janeiro afirmam ter perdido seus empregos durante a pandemia do coronavírus (Coletivo Movimentos, 2021).

De acordo com um levantamento realizado pelo Instituto Data Favela (2020), o desemprego entre os moradores de favelas já é o dobro do sucedido no asfalto e 80% sobrevivem atualmente com menos da metade da renda que possuía antes da pandemia. De acordo com o Jornal Fala Roça, dados provenientes de cadastros realizados em programas de auxílio da desde o início da pandemia do COVID-19 apontam que as mulheres chefes de família sem companheiro e com filho menor de idade foram as mais afetadas na crise causada pela pandemia na favela da Rocinha. Além disso, a jornalista Flávia Oliveira comenta que essa população é historicamente a mais exposta aos indicadores de pobreza na comunidade. Na maioria das vezes, as favelas passam longe dos olhos dos brasileiros, mas têm papel importantíssimo em nosso país e somam uma grande parcela da população.

Ainda de acordo com dados provenientes de pesquisa do Instituto Data Favela, moradores de comunidades representam cerca de 13 milhões de

habitantes no país e, em 2010, na cidade do Rio de Janeiro eram cerca de 1.435.000 pessoas morando nesses espaços e só a Rocinha é maior que 90% dos municípios do estado (Data Favela, 2020). A gestora de projetos do SEBRAE, Suzana Mattos, afirma que o Rio de Janeiro é o estado da região Sudeste com o maior percentual de moradores em favelas e que esses ambientes precisam ser impulsionados (SEBRAE, 2018).

Em relação ao empreendedorismo, o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) considera como qualquer investida feita na fundação de um negócio - dando certo ou não -, seja ele uma novidade para todos ou apenas a expansão de um empreendimento já concretizado (GEM, 2019). De acordo com o GEM (2019), cerca de 39% da população adulta, entre 18 e 64 anos, de alguma forma estava envolvida com o desenvolvimento de atividade empreendedora (IBQP, 2019).

Ter um empreendimento tornou-se um sonho da população brasileira, cerca de 68% das pessoas entrevistadas afirmam que ter o próprio negócio é um desejo que possuem. Além disso, 51,4% afirmam que uma das motivações para empreender está na vontade de fazer diferença, associada a fazer do mundo um lugar melhor (IBQP, 2019). E uma pesquisa feita pelo Instituto Data Favela (2019) mostra que o interesse por empreender nas comunidades é o dobro do demonstrado pela população do Rio em geral.

Se realizarmos um corte na população favelada e considerarmos apenas as mulheres, em sua maioria negras e chefes de família, vemos que o empreendedorismo se tornou uma das opções consideradas por elas como alternativa às grandes taxas de desemprego. Dados do SEBRAE apontam que entre 2017 e 2019 o empreendedorismo entre mulheres chefes de família subiu de 38% para 45%.

As mulheres empreendedoras no Brasil situam-se principalmente nos setores da alimentação, serviços domésticos, comércio varejista de vestuário e beleza, e uma parcela relevante dessas mulheres donas de seus negócios trabalha na própria casa (SEBRAE, 2018).

Dentro destes empreendimentos, estão as micro e pequenas empresas, que desempenham papel central na economia, e são responsáveis pela maior parte dos empregos gerados no Estado do Rio de Janeiro, funcionando como amortecedor de crises econômicas (IETS/SEBRAE, 2011).

1.2. Objetivo Principal

Considerando a relevância das comunidades para a economia nacional, sendo as favelas centros empreendedores do nosso país, lugares onde se encontram grandes e ótimas oportunidades (Meirelles, 2019), além de serem de grande importância para o cenário cultural e de representatividade do país, principalmente quando se fala no Rio de Janeiro, o objetivo do estudo é identificar alguns dos fatores que motivaram o desejo de empreender. O estudo busca analisar se a vulnerabilidade vivenciada no ambiente da comunidade impulsionou essa vontade e refletir sobre o empreendedorismo como uma possível oportunidade visualizada pelos moradores da Rocinha, localizada entre os bairros da Gávea e São Conrado, que possuem uns dos maiores Índices de Desenvolvimento Humano da cidade do Rio de Janeiro.

1.3. Objetivos Intermediários

A fim de atingir o objetivo principal, serão alcançados os seguintes objetivos intermediários:

- Identificar se houve exposição ou conhecimento sobre situações de risco dentro da comunidade;
- Identificar alguns dos fatores que motivaram a decisão de empreender;
- Verificar se as vulnerabilidades social e econômica vivenciadas influenciaram, de alguma maneira, o desejo de empreender;
- Analisar se empreender surgiu a partir da percepção de uma oportunidade.

1.4. Justificativa e relevância

Moradores de comunidades são frequentemente expostos a situações de vulnerabilidade social e econômica que acarretam feridas, podendo estas transformarem-se em motivação. Se desenvolvida, essa motivação pode, atrelada ao dever de suprir necessidades financeiras, se tornar um desejo de empreender e ter o seu próprio negócio.

O presente estudo pode auxiliar no desenvolvimento de um ambiente socioeconômico agradável e propício ao investimento e aceleração de empreendimentos, impulsionando a economia na região, melhorando a qualidade de vida e proporcionando segurança para a população que ali vive. Além disso, pode ajudar no incentivo a projetos voltados ao empreendedorismo

dentro das comunidades, tendo em vista a grande importância que as favelas têm para a economia.

2 Referencial Teórico

Esta seção do estudo apresenta as conceituações relevantes relacionadas ao tema abordado, destacando as principais linhas que irão fornecer embasamento teórico ao estudo.

2.1. Empreendedorismo

Segundo o GEM, o empreendedorismo é visualizado de maneira muito mais ampla, englobando qualquer tipo de empreendedor e incluindo os que possuem negócios formalizados ou não. O conceito por eles utilizado considera o empreendedorismo como “qualquer tentativa de criação de um novo empreendimento, seja uma atividade autônoma e individual, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente” (GEM 2019).

Os 20 anos de pesquisa do GEM no Brasil consideram, para sua amostra, a população adulta do país (pessoas entre 18 e 64 anos) e categoriza os empreendedores conforme o estágio de seus empreendimentos. As categorias são duas: os empreendedores iniciais, que se dividem em duas subcategorias chamadas nascentes e novos, e os empreendedores estabelecidos. Os nascentes encontram-se em etapa de estruturação do negócio e ainda não obtiveram qualquer tipo de remuneração para os sócios por um período maior que 3 meses, e os novos são aqueles que estão cuidando da administração do empreendimento e já remuneram seus sócios por mais de 3 meses e menos de 42 meses (3 anos e meio). Os empreendedores estabelecidos são os administradores e proprietários de um negócio já consolidado que já remuneram os sócios por um período maior que 42 meses.

As taxas gerais do empreendedorismo segundo GEM são calculadas a partir de pesquisas que levam em conta a proporção de pessoas envolvidas com qualquer tipo de atividade empreendedora e o estágio do empreendimento que possuem, além de investigarem suas principais motivações para empreender. É importante ressaltar que a taxa de empreendedorismo total (TTE) abrange todo e qualquer indivíduo envolvido em algum tipo de atividade empreendedora, ou seja, considera tanto os empreendedores iniciais como os empreendedores

estabelecidos, aqueles que possuem negócios formais ou não. As duas categorias já citadas são representadas pelas siglas TEA e TEE, sendo TEA a Taxa de Empreendedorismo Inicial e a TEE a Taxa de Empreendedorismo Estabelecido.

Diante disso, o estudo aqui apresentado será orientado conforme o GEM, por estágio do empreendimento, buscando identificar as motivações dos empreendedores e compreender se existe diferença entre gênero e idade.

2.2. Pequenos Empreendimentos

Em 2006 foi instituída no Brasil a Lei Geral das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte, seu objetivo é proteger as pequenas e médias empresas, desburocratizar o processo de regulamentação, facilitar a entrada no mercado e auxiliar na obtenção de crédito e acesso à justiça (SEBRAE, 2021).

Com isso, a lei pressupõe tratamento diferenciado às micro e pequenas empresas, buscando estimular o desenvolvimento e competitividade desses negócios com o intuito de colaborar para a geração de empregos, distribuição de renda de forma justa, inclusão social, diminuição da informalidade e fortalecimento da economia local.

Diante da Lei Geral, designou-se um regime tributário específico para esses pequenos negócios, reduzindo a carga de impostos e simplificando os processos dos cálculos para o recolhimento, esse regime é chamado de Simples Nacional. Com isso, os conceitos de micro e pequena empresa foram uniformizados ao serem enquadrados com base em sua receita anual bruta.

O **Microempreendedor Individual** (MEI) sucedeu com o intuito de diminuir a informalidade de empreendedores que trabalham por conta própria, ou seja, sem sócios, a partir daí ele passa a ter um CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica) e adquire os mesmos direitos e obrigações de uma Pessoa Jurídica. O faturamento anual de um MEI não pode ultrapassar R$ 81 mil ou R$ 6.750,00 em média por mês e esse tipo de profissional pode agir na venda ou fornecimento de produtos e serviços, atuando individualmente e aderindo ao Simples Nacional (Simei). Atuando como MEI, é possível contratar até um funcionário e o salário deste não pode ser maior nem menor que o piso da categoria, que é definido pelo Sindicato correspondente, ou salário mínimo. Além disso, o proprietário do negócio não pode ser sócio ou dono de outro empreendimento (SEBRAE, 2021).

A categoria **Microempresa** (ME) não pode obter receita bruta anual superior a R$ 360 mil, deve optar por uma entre três formas de tributação sendo elas o Simples Nacional, Lucro Presumido ou Lucro Real e realizar o registro do empreendimento na Junta Comercial ou cartório responsável por registro de pessoas jurídicas. Podem ter até 9 funcionários para os segmentos atuantes no comércio e serviços e até 19 para o segmento industrial. O Simples Nacional, já citado anteriormente, reduz a carga de impostos e simplifica o cálculo de recolhimento, o Lucro Presumido é uma forma de tributação simplificada para o cálculo do Imposto de Renda (IRPJ) e da Contribuição Social Sobre o Lucro Líquido (CSLL) de pessoas jurídicas e sua alíquota é calculada com base na projeção do faturamento do negócio (Sebrae, 2021).

As **Empresas de Pequeno Porte** (EPP) possuem limite de receita anual bruta entre R$ 360 mil e R$ 4,8 milhões, devem ser formalizadas na Junta Comercial e, assim como as ME, podem optar por um dos três regimes tributários existentes (Simples Nacional, Lucro Presumido ou Lucro Real). Nos segmentos de comércio e serviço, é possível ter entre 10 e 49 funcionários e para as indústrias entre 20 e 99 contratados (SEBRAE, 2021).

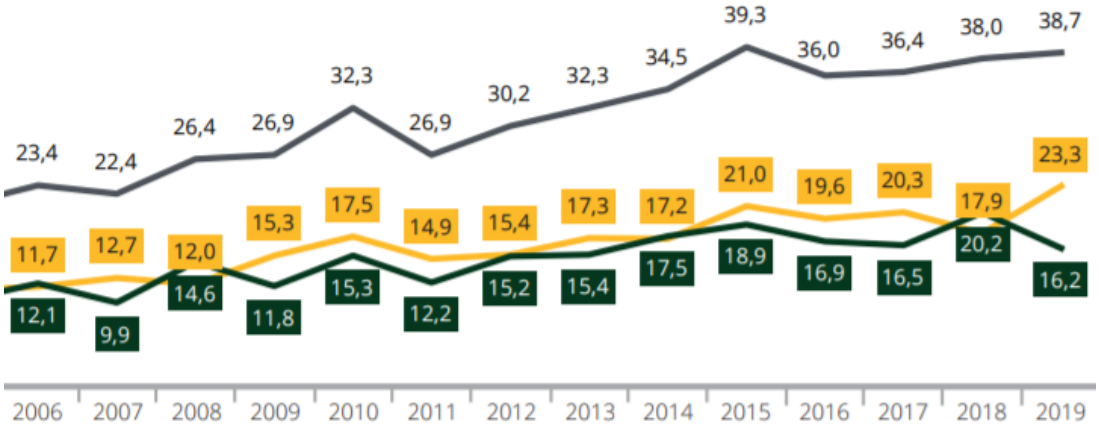
2.3. Empreendedorismo no Brasil

Com base na pesquisa do GEM (2019), a taxa de empreendedorismo total no Brasil em 2019 foi de 38,7%, mostrando-se superior ao ano anterior e sendo a segunda mais alta desde o início da pesquisa no Brasil. Podemos então afirmar que o empreendedorismo se mostra crescente e está cada vez mais presente na rotina de grande parte da população brasileira.

Em números, é possível afirmar que existam cerca de 53,5 milhões de brasileiros adultos envolvidos com algum tipo de atividade empreendedora, seja iniciando um novo projeto ou apenas dedicando esforços para manter um negócio já estabelecido.

A figura abaixo mostra um gráfico retirado do relatório GEM 2019 e apresenta as taxas de empreendedorismo segundo estágio do empreendimento de 2002 a 2019:

Figura 1: Gráfico das taxas de empreendedorismo segundo estágio do empreendimento



Fonte: GEM Brasil 2019
Legenda: **Inicial** - **Estabelecido** - **Total**

O gráfico mostra que o percentual de empreendedores iniciais cresceu significativamente entre 2018 e 2019, subindo de 17,9% para 23,3%. Além disso, a taxa de empreendedorismo total mostra-se crescente desde o ano de 2016. O aumento considerável na taxa de empreendedores iniciais deve-se à quantidade aumentada de empreendedores nascentes que pode ser explicada pelo momento socioeconômico que o país enfrentava. Em 2019, o Brasil vivenciou um aumento do consumo estimulado pela baixa inflação, redução da taxa básica de juros (SELIC) e a utilização dos valores que foram sacados do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Houve também, em 2019, aprovação de medida provisória da liberdade econômica que teve como objetivo diminuir a burocracia existente no processo da criação de empresas e estimular a abertura de novos negócios, principalmente no que diz respeito aos micro e pequenos empreendedores. Além disso, a situação de incerteza acerca das ocupações formais e maneiras para obtenção de renda também interferiram no aumento da decisão de começar novos negócios.

É importante citar ainda que a taxa de empreendedorismo potencial em 2019 foi de 30,2% e mostra que de cada 10 brasileiros que não são empreendedores, três tem vontade de abrir um negócio nos próximos três anos e, se esse desejo for alcançado, o Brasil terá, em média, 8 milhões de novos empreendedores iniciando no ambiente dos negócios anualmente.

No que diz respeito aos empreendedores iniciais e suas motivações para empreender, o GEM 2019 verificou que cerca de 88% dos brasileiros visualizam a falta de emprego como um dos motivos para o desejo e a iniciativa de

empreender. Outra razão para empreender destacada por 51,4% dos brasileiros é o desejo de fazer a diferença no mundo/contribuir para um mundo melhor.

De acordo com dados da PNAD Contínua, no 1° trimestre de 2021 a informalidade atingiu 40% da população brasileira ocupada, número superior aos 37,6% do mesmo período em 2020 (IBGE, 2021). Segundo o IBGE (2021), o número de pessoas ocupadas no Brasil é de 86,7 milhões, destes 34,7 milhões são trabalhadores sem carteira assinada ou que trabalham por conta própria sem CNPJ.

2.3.1. A importância do pequeno empreendedor

De acordo com estudo realizado pelo SEBRAE e a Fundação Getúlio Vargas (FGV), os micro e pequenos negócios formalmente constituídos já representam cerca de 30% do Produto Interno Bruto (PIB) do país e mostram-se muito relevantes para a economia brasileira.

Segundo o estudo, sobressaem-se as atividades de comércio e serviços que somadas correspondem por 23% dos 30% totais de representação do PIB. Com grande participação em todos os municípios e bairros do país e com suas características únicas e próprias, os pequenos negócios têm a possibilidade de serem competitivas e fundamentais no que tange às questões sociais e econômicas do país (FGV, 2020).

As micro e pequenas empresas também são muito importantes para a economia no que diz respeito à geração de empregos formais, sendo responsáveis por mais da metade dos empregos formais no Brasil e concentrando-se nas atividades de serviços e comércio (ASN, 2020).

Com isso, Carlos Melles, presidente do SEBRAE, acredita que o estudo confirma a força que os pequenos negócios têm para a economia brasileira, que funcionam como um tipo de amortecedor nos momentos de crise. Melles diz que:

> "De 2006 a 2019, as micro e pequenas empresas apresentaram um resultado positivo no saldo de geração de empregos formais, sendo responsáveis pela criação de cerca de 13,5 milhões de vagas de trabalho. Como operam com poucos funcionários, elas são menos propensas a demitir, em momentos de crise, contribuindo para reduzir os impactos sobre a economia" (Melles, 2020).

Ainda sobre o estudo, Luiz Gustavo Barbosa, o responsável pela pesquisa da FGV, considera que a participação das micro e pequenas empresas na economia nacional para a geração de renda e empregos é esplêndida:

> "Sua característica natural é ocupar espaços em atividades que não se permite economia de escala e que possuem alta intensidade de trabalho. Essa característica mostra a necessidade de ações rápidas e de alto impacto para manter os pequenos negócios erguidos e superar a crise" (Barbosa, 2020).

A seguir, será desenvolvido o tópico do empreendedorismo por necessidade, que abrange os empreendedores que criaram seus negócios em função de precisarem gerar receita para suas famílias. Estes casos se diferenciam dos empreendedores por oportunidade, que empreendem por terem encontrado uma demanda de mercado e criado um empreendimento para atender a esta demanda.

2.3.2. Empreendedorismo por necessidade

O empreendedorismo mostra-se essencial na saúde e desenvolvimento da sociedade, além de ser um importante impulsionador do crescimento econômico. Schumpeter diz que:

> "Produzir novas coisas não é apenas um processo distinto, mas é um processo que produz consequências, as quais formam uma parte essencial da realidade capitalista." (SCHUMPETER, 1976: 36).

Além de ser importantíssimo para a criação de empregos e desenvolvimento de novos produtos e serviços, ajuda também a tratar alguns desafios da sociedade. Segundo o GEM, diversos integrantes de governos e do meio acadêmico, mundialmente falando, enxergam o empreendedorismo como fator essencial para erradicar a pobreza e desigualdade social muito presentes em todo mundo. Através dele é possível empoderar mulheres e propor a solução de desafios mundiais de todos os âmbitos.

Segundo Oliveira (1995), os estudos realizados acerca do empreendedorismo apresentam o ambiente familiar e a existência de uma

possível oportunidade como fatores de grande influência sobre o ato de empreender. Contudo, NASSIF (2009, p. 147) coloca em questão o cenário econômico brasileiro, onde temos grandes dificuldades socioeconômicas e afirma que uma parte significativa do desejo de empreender vem da necessidade, do que podemos chamar de “o instinto de sobrevivência do brasileiro” que a população tem de se adaptar às situações adversas ocasionadas por uma economia instável e altas taxas de desocupação.

Mendes (apud Gadotti; Gutierrez, 2001) diferencia o trabalho em três níveis: a estratégia de sobrevivência, estratégia de subsistência e estratégia de vida. O autor considera o trabalho como uma estratégia de sobrevivência e pontua que:

> “...a atividade é considerada de emergência, transitória e permite apenas a satisfação das necessidades básicas em termos de simples sobrevivência fisiológica. É estratégia de subsistência quando a atividade permite a satisfação das necessidades básicas, mas não torna possível nenhuma forma de acumulação e crescimento; a opção pode, em consequência, manifestar uma maior estabilidade e duração no tempo, embora dificilmente seja assumida como opção permanente. O trabalho é estratégia de vida.” (GUTIERREZ, 2001)

Portanto, é possível observar que diversos fatores podem impulsionar o desejo de empreender, inclusive o desemprego. A necessidade financeira de manter a família enfrentada diariamente pela população brasileira ocasiona, em diversos casos, o desenvolvimento de um empreendimento que possibilite complementar ou ser a própria fonte de renda.

Segundo o IBGE, no 1° trimestre de 2021 a informalidade atingiu cerca de 40% da população brasileira ocupada, representando 34,7 milhões de pessoas, e a quantidade de pessoas trabalhando por conta própria chegou a 24,4 milhões, 8,7% maior que o mesmo período do ano de 2020 (IBGE, 2021).

Mesmo com leis com o objetivo de estimular a formalização dos empreendimentos, a pandemia do coronavírus derrubou a taxa total de empreendedores em 20%, indo de 38,7% em 2019 para 31,6% em 2020 (GEM, 2020). Apesar disso, o aumento do desemprego tornou-se motivo para empreender, segundo Carlos Melles:

> “A taxa total de empreendedorismo no Brasil sofreu uma redução nunca vista antes. A pandemia do coronavírus veio e derrubou o mercado todo, em especial os mais antigos. Por outro lado, por causa do desemprego, entrou muita gente nova e inexperiente que tenta sobreviver, por meio de um pequeno negócio.” (Melles, 2021)

Com isso, o aumento do desemprego tornou-se motivo para empreender: o total de empreendedores iniciais em 2020 era de 32,6 milhões de pessoas e destes 50,4% foram empreendedores por necessidade. Além disso, um estudo do GEM em parceria com o SEBRAE aponta que 82% das pessoas que participaram da pesquisa afirmam empreender pelo fato de os empregos estarem escassos (GEM, 2021). Nas favelas o cenário não é diferente: de acordo com o Coletivo Movimentos (2021), nas comunidades objeto da pesquisa, 54% dos moradores afirmam ter perdido o emprego durante a pandemia e 34% desses eram profissionais liberais e trabalhadores informais.

2.3.3. O empreendedorismo na base da pirâmide

O desemprego assola milhares de pessoas por todo país, mas mostramos aqui dados que afirmam haver maior dificuldade quando se trata de pretos e pobres moradores de comunidade. Com a pandemia esse cenário ficou ainda mais acentuado: Dados da pesquisa “Coronavírus nas favelas: a desigualdade e o racismo sem máscaras” realizada com moradores das favelas Cidade de Deus, Complexo do Alemão e Complexo da Maré mostra que mais de 54% dos participantes afirmam ter perdido o emprego durante a pandemia (Coletivo Movimentos, 2021).

A partir de dados coletados dos cadastros feitos para o recebimento de auxílio na favela da Rocinha, é possível verificar que as mulheres foram o público mais afetado por conta da crise gerada pela pandemia, a maior parte delas chefes de família e mães solo de menores de idade. A moradora da comunidade, Cícera Ferreira de 43 anos, comenta:

> "Com o pouco que eu ganho, a gente dá um jeito. Vai pagando as contas, se alimentando. Nunca tive tanto medo na vida como dessa pandemia. Para mim, é uma guerra sem armas. Deixou todo mundo de mãos atadas,

> desempregadas. Nós não podíamos trabalhar para não aumentar o perigo do contágio" (Pinheiro, 2020)

A jornalista Flávia Oliveira aponta ainda que a população feminina é historicamente a mais atingida pelos indicadores de pobreza na Rocinha.

Dados apresentados pelo SEBRAE apontam que o empreendedorismo entre as mulheres chefes de família subiu de 38% para 45% entre 2017 e 2019, sugerindo que antes mesmo da chegada da pandemia, as mulheres já utilizavam o empreendedorismo em alternativa às grandes taxas de desemprego existentes, além de fazerem para complementar a renda familiar e conquistar independência financeira.

A partir da linha anterior que apresenta uma relação entre o desemprego das chefes de família e o empreendedorismo, uma pesquisa realizada pelo GEM aponta que 82% dos entrevistados dizem ser motivados a empreender por "ganhar a vida porque os empregos estão escassos", a pesquisa afirma ainda que o Brasil é campeão no empreendedorismo por necessidade e que isso justificaria a relação existente entre o empreendedorismo e a necessidade de complementar a renda, principalmente no contexto atual da pandemia (GEM, 2020). A pesquisa "Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia", realizada pela Sempreviva Organização Feminista (SOF) e a Gênero e Número, aponta que 58% das mulheres desempregadas durante a pandemia eram negras (Gênero e Número, 2020). Esses números corroboram os Indicadores Sociais do IBGE (2018) que mostram que 47,8% das mulheres negras no Brasil possuem trabalho informal.

A população favelada e as mulheres chefes de família, em especial as negras, têm papel importantíssimo para o empreendedorismo e a economia local. Dados do GEM mostraram que em 2018 existiam mais de 30 milhões de mulheres empreendedoras e esse número correspondia a quase 49% dos empreendimentos no país (GEM, 2018). Além disso, os moradores de comunidades movimentam cerca de R$ 119,8 bilhões por ano, mostrando-se como grandes oportunidades para a comercialização de produtos e serviços (Data Favela, 2020).

O potencial que a população na base da pirâmide representa em números para a economia e, em especial, para o empreendedorismo é assunto que precisa ser considerado, pois apesar da potência econômica e criativa que sociedade favelada representa, o poder público parece negligenciar esse fato,

essa população demonstra carecer de apoio e incentivo para que consiga atingir um nível maior de contribuição para a sociedade como um todo.

Assim, com a relevância das comunidades e das micro e pequenas empresas para a economia brasileira, o cenário de redução de empregos formais em função da pandemia do coronavírus e o contexto de abertura de novos negócios ser muitas vezes motivado pela necessidade de geração de receita, a pesquisa abaixo foi realizada, e busca entender de forma mais aprofundada como isto ocorre com os empreendedores da comunidade da Rocinha, no Município do Rio de Janeiro.

3 Metodologia

Roesch (1999) afirma que a metodologia descreve a maneira como a atividade será executada, a fim de verificar qual o tipo de projeto mais adequado de acordo com os objetivos definidos. Segundo Gil (1946), a metodologia de um estudo caracteriza-se como os procedimentos necessários a serem seguidos para a realização de uma pesquisa.

> Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. (GIL, 1946, p. 17)

O método, segundo Morin (1996, p.335), nutrido de “estratégia, iniciativa, invenção, arte” estabelece uma relação com a teoria capaz de proporcionar a ambos uma reestruturação através da organização de dados e informações, e aproxima o investigador do fenômeno estudado.

Toda classificação, seja qual for, se faz por intermédio de algum parâmetro. No que tange às pesquisas, pode-se classificar quanto os objetivos gerais considerados no estudo. A partir disso, Gil (2002) classifica as pesquisas em três tipos: exploratórias, descritivas e explicativas.

Desta forma, considerando os objetivos gerais aqui definidos, o presente estudo utiliza uma abordagem qualitativa, sendo baseado numa combinação dos tipos de pesquisa descritiva e explicativa. Descritiva porque leva em consideração dados particulares dos empreendedores da Rocinha, e explicativa pois atua com aprofundamento na realidade, buscando compreender as motivações das atitudes e identificar algumas das razões que cooperaram para a decisão de empreender.

3.1. Sujeito do estudo

De acordo com Gil (2002), a etapa em questão caracteriza-se como “População e Amostra”. Ela envolve os dados e informações a respeito do âmbito a ser estudado, a dimensão da amostra, bem como a maneira como será selecionada e abordada.

Os critérios utilizados para a seleção dos participantes da pesquisa foram ter um empreendimento na da Rocinha e ser morador da comunidade no período inicial ao ato de empreender. Todo tipo de segmento foi considerado assim como o tamanho do negócio. O total de pessoas contatadas foi de 37, no intervalo de julho a setembro, mas apenas 11 aceitaram participar efetivamente da entrevista, A quantidade final obtida foi considerada suficiente, dentro das possibilidades, tendo em vista que a pesquisa foi elaborada para atingir profundidade.

Além disso, houve grande dificuldade para consolidar o contato com os empreendedores, tendo em vista a repulsa percebida nos indivíduos em serem entrevistados. Em alguns casos, o contato foi feito via rede social do estabelecimento, com breve apresentação e explicação do objetivo do estudo, seguidos do convite para participar da entrevista, mas a maior parte do número de indivíduos informado foi atingido ao adentrar os estabelecimentos, apresentar a proposta e realizar o convite para a conversa.

Os empreendedores atingidos têm entre 18 e 38 anos e caracterizam-se por serem predominantemente homens. Todos os setores foram considerados no momento da escolha, mas entre os alcançados destacam-se os setores da beleza, vestuário e de alimentos. O tempo de vida desses negócios varia de 1 a 5 anos desde a sua fundação.

3.2. Coleta de dados para a análise

A etapa de coleta de dados, segundo Gil (2002), abrange uma descrição das ferramentas que serão utilizadas para a efetivação do recolhimento dos dados como, por exemplo, modelos de questionários, testes ou escalas.

A coleta de dados desta pesquisa ocorreu através de entrevistas e seguindo um roteiro semiestruturado, que não visa quantificar os resultados, mas compreender com profundidade as questões abordadas. Ao decorrer das conversas, questões pertinentes aos relatos dos respondentes surgiram e as respostas dadas também foram consideradas na análise.

As entrevistas foram realizadas com 11 empreendedores e tiveram seus áudios gravados, mediante autorização dos indivíduos, sendo posteriormente transcritos para texto a fim de realizar uma melhor análise das informações obtidas.

As duas primeiras perguntas tratam de questões básicas como orientação sexual e idade, para fins de identificação dos entrevistados. As 3°, 4° e 5° questões buscam compreender a situação socioeconômica dos empreendedores, questionando sobre nível de escolaridade, ganho médio mensal e se possui algum outro emprego além do empreendimento.

As demais perguntas que compõem a entrevista abordam questões mais relativas ao sujeito, envolvendo assuntos como impulsionador da decisão de empreender, dificuldades existentes e vividas no ambiente da comunidade e consequências percebidas dos acontecimentos cotidianos.

3.3. Análise dos dados coletados

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo, um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 1977, p. 30). Segundo Bardin, esta etapa tem duas funções: a heurística que aumenta a averiguação às revelações, favorecendo a tentativa exploratória, e a função de administração da prova, onde se buscam provas para a afirmação de uma hipótese.

Os dados obtidos com as entrevistas foram analisados de forma qualitativa, verificando-se a existência de relação entre os fatos questionados e os ocorridos, e identificando padrões sociais entre os empreendedores, e descritos também de maneira quantitativa, apresentando gráficos e tabelas quando necessário.

3.4. Limitações do estudo

Uma grande dificuldade percebida desde o início dos contatos feitos com alguns empreendedores foi a aversão a dar entrevistas, mesmo com o convite soando mais como um bate papo, uma conversa informal.

Além disso, o número de empreendedores autônomos na Rocinha é exorbitante e isso torna inviável uma pesquisa mais aprofundada na realidade de cada um, principalmente se combinada à aversão já identificada nos indivíduos. Com isso, o número de pessoas aqui atingido não representa a totalidade dos empreendedores e seus empreendimentos, pois o tempo para cobertura

completa do espaço seria longo e demandaria grande esforço que não depende apenas do querer, mas também de coisas como as horas disponíveis no dia em decorrência do cumprimento de responsabilidades essenciais para a própria sobrevivência do investigador.

Contudo, este fato não invalida a pesquisa, uma vez que foi realizada com pessoas de diferentes negócios, regiões da comunidade e idades, mas que residem no mesmo ambiente e enfrentam cotidianamente as mesmas dificuldades.

4 Apresentação e análise dos resultados

4.1. Sociodemografia

Participaram efetivamente da pesquisa 11 pessoas, sendo 3 mulheres e 8 homens, todas elas escolhidas para o primeiro contato de maneira aleatória através de caminhadas semanais pelas ruas e becos da comunidade da Rocinha, além de contatos realizados através dos perfis encontrados em grupos de venda da Rocinha no Facebook. Deve-se esclarecer que em momento algum as informações aqui obtidas e apresentadas representam a totalidade de empreendedores existentes na favela da Rocinha, são apenas sugestivas de acordo com informações anteriormente já identificadas.

Tabela 1: Divisão dos respondentes entre sexo e faixa etária

Características Sociodemográficas	Quantidade	Proporção
Sexo		
Feminino	3	27,3%
Masculino	8	72,7%
Faixa etária		
18 a 24 anos	5	45,5%
25 a 34 anos	4	36,4%
Mais de 35 anos	2	18,2%

Fonte: Dados da pesquisa

Percebeu-se desde início do estudo, começando pelo desenvolvimento do método, quando o investigador apenas observava o dia a dia na comunidade, passando pelos contatos feitos para convite de participação na entrevista, até o presente momento de análise do contexto, que a quantidade de homens empreendedores na Rocinha é consideravelmente maior em relação a de mulheres, o que justifica a maior taxa de respondentes à entrevista serem dos homens.

As idades dos entrevistados variaram entre 18 e 38 anos e a faixa etária destaque entre os respondentes da entrevista foi dos jovens entre 18 e 24 anos, que apresentou uma distância significativa em relação à faixa etária seguinte de pessoas entre 25 e 34 anos. Apesar disso, se juntarmos os empreendedores respondentes dessas duas faixas, eles representarão 9 dos 11 participantes do estudo. Os jovens representam a maior parte dos empreendedores respondentes desta pesquisa e são os que estão à frente da maioria dos empreendimentos com até 3,5 anos, um total de 7 negócios, sendo apenas 4 os negócios que possuem mais de 3,5 anos.

Em informações apresentadas pelo GEM (2019) vemos que há muito mais jovens empreendedores iniciais em comparação aos estabelecidos, e esse pequeno número de jovens empreendedores estabelecidos remete à dificuldade de conciliar o negócio com a necessidade de desenvolvimento profissional, que é muito importante tanto para o crescimento pessoal quanto para o do próprio negócio. Durante as conversas com os participantes, muitas percepções acerca dos porquês dessa dificuldade foram fornecidas. Alguns dos entrevistados comentaram sobre a falta de dedicação aos estudos, que se deu tanto por falta de incentivo quanto pela necessidade de trabalhar para ajudar financeiramente em casa.

No que diz respeito ao nível de instrução dos empreendedores entrevistados, consideramos a equivalência feita às classificações brasileiras com base na classificação internacional do GEM para cada nível de escolaridade descrito a seguir.

Tabela 2: Nível de escolaridade entre os respondentes

Característica	Quantidade	Proporção
Escolaridade [1]		
Fundamental completo	5	45,5%
Médio completo	5	45,5%
Ensino superior completo	1	9,1%
Total	**11**	**100%**

Fonte: Dados da pesquisa

[1]GEM Internacional: Fundamental completo: Ensino fundamental completo e ensino médio incompleto; Médio completo: Ensino médio completo e superior incompleto; Superior completo ou maior: Superior completo, especialização incompleta e completa, mestrado incompleto.

Das informações acima apresentadas, o único entrevistado com o ensino superior completo é um dos dois indivíduos com mais de 35 anos e responsável também por um dos negócios com mais de 3,5 anos de funcionamento. Já entre as pessoas com ensino fundamental completo e ensino médio completo não há diferença. O restante dos entrevistados se divide igualmente entre essas duas categorias.

Ao longo das entrevistas, falou-se bastante sobre as dificuldades enfrentadas para conseguir emprego e um dos motivos citados foi a menor instrução educacional perante outros candidatos. Um dos empreendedores, que cursou o ensino médio em colégio particular com bolsa de estudos, citou o preconceito vivido na escola apenas por ser negro e morador de comunidade. A maior parte dos empreendedores participantes falou também das limitações causadas pelos confrontos ou possibilidade de ocorrer, um deles cita que:

"Essas guerras causam medo e impossibilitam as pessoas de sair para trabalhar, ir para na escola, curso ou faculdade" (H, 26 anos)

Outro diz que:

"os confrontos afetam negativamente a educação, pois privam os jovens de irem para a escola". (H, 38 anos)

Além dos confrontos que contribuem para dificultar os estudos dos jovens moradores de comunidades, alguns dos empreendedores entrevistados falam também da omissão do estado:

"Por não ter auxílio do Estado, os moradores não recebem educação. E, sem educação, não há perspectiva. E, sem perspectiva, o que vier é aceitável, sobretudo as coisas ruins" (M, 36 anos)

Dados do GEM (2019) mostram que, no Brasil, a intensidade de empreendedores estabelecidos foi maior entre as pessoas que não possuíam o ensino médio completo, sendo representado por aproximadamente 13 milhões de pessoas. Assim, em comparação às informações encontradas na pesquisa realizada pelo GEM, identificamos nesta uma diferença no que diz respeito ao nível de escolaridade dos entrevistados e o estágio do empreendimento, onde as

pessoas que não possuem o ensino médio completo são as responsáveis por grande parte dos empreendimentos iniciais.

Tabela 3: Renda individual bruta dos entrevistados

Característica	Quantidade	Proporção
Renda individual bruta		
Até 1 salário mínimo	3	27,3%
Entre 1 e 3 salários mínimos	6	54,5%
Entre 3 e 5 salários mínimos	1	9,1%
Acima de 7 salários mínimos	1	9,1%
Total	**11**	**100%**

Fonte: Dados da pesquisa

Através dos dados acima, é possível visualizar que a maior parte das pessoas participantes das entrevistas tem renda mensal bruta de até 3 salários mínimos, o equivalente a R$ 3.300,00 (três mil e trezentos reais). Dados divulgados pelo GEM (2019), mostram que, no Brasil, as pessoas com renda acima de 3 salários mínimos são as que representam maior número de pessoas envolvidas em empreendimentos iniciais.

Apesar disso, se analisarmos somente as duas faixas salariais mais baixas de renda, em 2019 existia uma parcela de cerca de 14 milhões de pessoas associadas a algum tipo de novo negócio. Contudo, mesmo que os níveis salariais mais altos representam taxas maiores que as faixas salariais mais baixas, o contingente efetivo de empreendedores iniciais entre a população rica se mostrou quase quatro vezes menor que o observado na população mais pobre (GEM, 2019). Perguntados sobre conhecimentos acerca da gestão de negócios, cinco pessoas disseram possuir conhecimento básico, adquirido com base em pesquisas realizadas por conta própria ou em experiência de trabalho anterior.

Com base nas informações até aqui apresentadas, pode-se afirmar que os homens jovens, entre 18 e 34 anos, com renda bruta mensal de até 3 salários mínimos, representam a maior parcela dos entrevistados. Embora os dados do estudo não possam generalizar, o perfil aqui identificado pode ser sugestivo às informações apresentadas pelo GEM (2020), onde uma das principais características dos empreendimentos iniciais é ter jovens em seu controle.

A respeito do nível de instrução, houve grande variação entre os entrevistados, tendo desde pessoas que não haviam concluído o ensino fundamental, passando por pessoas com o ensino médio em curso ou interrompido, até pessoas que iniciaram e finalizaram o ensino superior. Assim, o nível de escolaridade das pessoas entrevistadas pouco pareceu ter tido influência direta na decisão de empreender, uma vez que a maior parte dos empreendedores participantes afirmaram que uma das grandes motivações para a decisão de empreender foi a grande dificuldade existente para conseguir um emprego.

4.2. Contexto e percepção

Com a realização da pesquisa através de entrevistas, foi possível compreender mais profundamente a vida, percepções e motivações de cada um dos entrevistados. Todos os empreendedores moram na Rocinha desde que nasceram e convivem desde então com o dia a dia da comunidade, eles afirmam viver com grande insegurança e medo diante das situações de risco enfrentadas, inclusive alguns disseram que se mudariam por esses motivos e também por buscarem melhoria, com o objetivo de obter qualidade de vida, um deles disse se mudaria:

"em virtude da violência, falta de civilidade dos outros moradores e falta de assistência do Estado" (H, 22 anos)

Outro, quando perguntado do porquê se mudaria, falou:

"querer melhorar de vida, criar meus filhos num ambiente saudável" (M, 36 anos)

Outros motivos citados para a vontade de sair da comunidade foram a falta de assistência por parte do estado, a limitação de ir e vir nos momentos de tensão e a imposição para o consumo de alguns bens comercializados apenas dentro da comunidade como a internet e o gás. A maioria dos empreendedores participantes afirma temer o risco de vida existente, e um dos entrevistados falou:

"já vi de perto o desespero de uma família vizinha que precisou sair correndo pelas escadas porque uma senhora foi baleada no banheiro, dentro da própria casa, isso deixa todo mundo aterrorizado" (H, 33 anos)

Alguns dos participantes das entrevistas, como já citado, falaram da falta de apoio por parte das autoridades e afirmaram se sentirem sem esperança de que as coisas possam mudar em decorrência de atitudes dos governantes.

Apesar disso, alguns deles afirmam lidar com normalidade perante as situações, que tentam se manter *"firmes e de cabeça erguida"* e buscar ter resiliência, pois já se acostumaram a passar por aquilo, um deles inclusive diz:

"tiroteio é normal para quem mora na favela" (M, 20 anos)

4.3. A pandemia e o empreendedorismo

Pessoas que cresceram em meio ao tráfico, a ausência do governo e a desigualdade social e econômica, durante a pandemia tiveram que lidar de frente com as precárias condições de sobrevivência já existentes e que pioraram em decorrência da COVID-19. Entre a principal que corta a comunidade, os becos e escadas pode-se verificar a grande quantidade de comércios espalhados por toda parte, lojas dos mais variados tipos e jeitos, de estabelecimentos com endereço fixo a barracas postas nas calçadas expondo seus produtos.

Durante as entrevistas comentou-se bastante sobre as dificuldades enfrentadas para conseguir trabalho, causada não apenas pela menor instrução educacional, mas também por conta do preconceito enfrentado. Cinco dos 11 entrevistados disseram achar que a dificuldade de conseguir trabalho era causada muito pelo preconceito e pelo racismo, pois sempre informam nos currículos e processos que eram moradores da Rocinha.

Entre os empreendedores participantes, mais da metade não possui outro emprego e vive apenas com os recursos financeiros obtidos em seus negócios, valor que para a maioria deles equivale a no máximo R$ 3.300,00 (três mil e trezentos reais). Um levantamento realizado pelo Instituto Data Favela (2020) sugere que o desemprego entre os moradores de comunidades já é o dobro do existente no asfalto e cerca de 80% atualmente sobrevive com menos da metade da renda que tinha antes da pandemia. Uma das entrevistadas disse que *"o desemprego faz parte da vida do morador de comunidade"* (M, 23 anos), e que

grande parte dos moradores se sustenta através de bicos e trabalhos diários onde não há a garantia do dia de amanhã. Outro morador empreendedor fala que:

"as pessoas se viram como podem" (H, 32 anos)

Alguns procuram caminhos mais fáceis, a fim de conseguir dinheiro, e acabam se envolvendo com coisas erradas, outras pessoas inventam algo para vender, o que pode ser comprovado com um passeio não muito longo pelas ruas da comunidade da Rocinha. Outro morador comenta:

"Conhecidos meus venderam de tudo desde o início da pandemia" (H, 24 anos)

Um estudo realizado pelo Coletivo Movimentos (2021) nas comunidades Cidade de Deus, Complexo do Alemão e Complexo da Maré aponta que mais de 54% dos moradores das favelas afirmam ter perdido o emprego durante a pandemia, e o estudo ainda indica que a população preta e pobre é a mais afetada com o fechamento de comércios. Apesar disso, nessa mesma pesquisa identificou-se que, do total de entrevistados, 34% eram profissionais liberais e trabalhadores informais. Os relatos dos entrevistados nos fornece base para identificar que durante a pandemia os moradores de comunidades estão tomando algum tipo de atitude para aumentar sua renda.

Com as altas taxas de desemprego assombrando a vida dos moradores desde o início da pandemia, surgiu muito fortemente a necessidade de complementar a renda da casa e ajudar a família, e o empreendedorismo tem sido visto como uma oportunidade nesses momentos. Durante as entrevistas, foi possível identificar que a maior parte dos empreendedores participantes já tentou empreender de alguma outra forma para complementar a renda, antes e durante a pandemia, e de acordo com estudo do GEM em parceria com o SEBRAE, o empreendedorismo por necessidade subiu de 37,5% em 2019 para 50,4% em 2020 (GEM, SEBRAE, 2020).

4.4. Motivações para empreender

Os segmentos dos empreendimentos em questão se dividem entre os mais variados, em meio aos entrevistados observa-se empreendimentos dos setores

alimentícios, vestuário, de acessórios (bijuterias), locação de itens para festa e beleza, mas quase metade deles concentra-se em negócios ligados à alimentação. Além disso, apenas três empreendedores trabalham sozinhos em seus negócios, os demais trabalham em parceria com outra pessoa que em todos os casos são parentes como mães, primos e irmãos e ajudam com funções operacionais.

Como padrão, a maior parte das pessoas que compõem a base da pirâmide busca primeiramente uma oportunidade de emprego no mercado de trabalho formal e a partir daí vivem e se sustentam, mas os moradores entrevistados citaram algumas vezes ao longo das entrevistas a dificuldade de conseguir um trabalho e a percepção de que as vagas estão cada vez mais escassas. Um dos moradores entrevistados chega a dizer:

"busco emprego desde novo e sempre foi muito difícil. Consegui na informalidade mesmo. O mercado de trabalho parece estar carente de oportunidades" (H, 24 anos)

Dois dos entrevistados comentaram já terem se envolvido com o tráfico em busca de dinheiro e que acabaram optando por um caminho mais fácil, mas que perceberam que não era a melhor maneira de conquistar algo na vida. Eles disseram ainda que esse envolvimento dificultou a conquista de um emprego formal, um deles fala:

"Já tive envolvimento com o tráfico e isso, com certeza, influenciou, as pessoas não querem contratar" (H, 28 anos)

o outro comentou:

"inicialmente tive envolvimento com o tráfico pois era mais fácil, mas isso que me fez refletir sobre a importância da vida, o que me fez buscar outra alternativa (sic), fui percebendo que dentro da comunidade existem muitos talentos e oportunidades" (H, 18 anos)

Ambos afirmam ter percebido que, apesar da facilidade em conseguir dinheiro através do envolvimento com o tráfico, não foi a melhor alternativa, principalmente por buscarem qualidade de vida. Com isso, identificaram no empreendedorismo uma oportunidade de não passar pela dificuldade de

conseguir emprego, em decorrência do preconceito existente, e de conquistar o que sempre sonharam.

Os empreendedores da pesquisa dizem que os medos e inseguranças, juntamente com a dificuldade de conseguir um emprego e a vontade de melhorar de vida para proporcionar mais dignidade à suas famílias foram combustíveis para a decisão de empreender.

Assim, pode-se sugerir que os moradores da comunidade sofrem cotidianamente com a sombra do desemprego e esse é um grande motivador dos empreendedores aqui entrevistados. Além da dificuldade para conseguir emprego, a necessidade de complementar a renda, ajudar financeiramente em casa, a vontade de alcançar melhores condições de vida e a identificação de uma oportunidade no empreendedorismo também impulsionaram os entrevistados a fazer do empreendimento uma realidade.

5 Considerações Finais

Diante da análise dos dados coletados, identificaram-se duas características da maioria dos empreendedores entrevistados: o sexo masculino foi predominante entre os respondentes e a maior parte deles tem entre 18 e 24 anos, ou seja, são jovens.

A maior quantidade de homens entre os empreendedores não restringe a participação das mulheres, em sua maioria chefes de família, comprovadamente compondo a maior parte da população da Rocinha, que estão cada vez mais em busca de alternativas para complementar a renda familiar e conquistar a independência financeira. Vimos em dados apresentados pelo Jornal Fala Roça que na Rocinha mulheres chefes de família, sem cônjuge e com filho menor de idade, foram as mais afetadas pela pandemia do coronavírus.

Ao contrário, o perfil identificado entre os empreendedores respondentes inclina-se para uma carência de incentivos ao empreendedorismo feminino, uma vez que atualmente a maior parte das mulheres empreendedoras são também as chefes de suas famílias, conforme dados apresentados pelo SEBRAE, e necessitam fornecer, além de suporte financeiro para o lar, apoio e cuidados a seus familiares, afinal conciliar o dia a dia da gestão de um negócios com as responsabilidades familiares torna-se uma tarefa difícil, sugerindo, inclusive, uma justificativa para o fato de o número de empreendimentos estabelecidos com mulheres no comando ser menor em comparação aos comandados pelos homens.

Além disso, ter predominantemente jovens à frente dos novos empreendimentos não descarta a proporção de pessoas mais velhas empreendendo na comunidade, uma vez que o número de empreendedores aqui alcançado não fornece base para generalizar o retrato do empreendedorismo na Rocinha como um todo. O maior número de jovens pode ser relacionado às necessidades atuais que surgiram em decorrência da pandemia, que dificultou o acesso ao mercado e deixou a taxa de desemprego maior entre toda a população brasileira, em especial entre a parcela mais pobre da sociedade. Com isso, os jovens buscaram no empreendedorismo uma alternativa para complementar a receita ou alcançar renda suficiente para suprir com as suas

obrigações financeiras. Além disso, o retrato dos empreendedores aqui alcançados tem como característica o fato de estarem à frente de empreendimentos iniciais e as pessoas mais velhas, de acordo com estudos do GEM, concentram-se no comando de empreendimentos já consolidados.

As informações apresentadas no capítulo anterior, e também ao longo de todo o estudo, sugerem que o morador de comunidade é o mais afetado quando se fala em desemprego, as pessoas negras e moradoras de favela afirmam enfrentar grandes dificuldades para conquistar uma vaga no mercado de trabalho. Percebe-se que a maior parte dos empreendedores respondentes optou pelo empreendimento em decorrência do impasse existente para conseguir um emprego formal, além da opção alternativa ao aumento do desemprego da população mais pobre. Essa dificuldade de conquistar uma oportunidade no mercado de trabalho foi relacionada a diversos fatores, um deles é a baixa instrução educacional, causada pela falta de incentivo por parte de familiares, que gerou desinteresse pelos estudos, pela impossibilidade de ir à instituição em decorrência dos confrontos existentes e também pela necessidade de sacrificar aulas e dias de estudo para trabalhar e ajudar financeiramente em casa.

Outro fator citado por alguns dos entrevistados foi o preconceito que eles acreditam existir por parte os recrutadores e empresas, tanto por serem moradores de comunidade quanto pelo fato de serem negros. Alguns dos entrevistados contaram inclusive já ter mentido sobre a localidade onde moravam.

Além do impasse encontrado para a conquista de uma vaga no mercado de trabalho, os moradores também afirmam que a necessidade de complementar a renda familiar foi um fator considerado importante para a concretização da vontade de empreender. Alguns deles disseram já possuir esse desejo, pois sonhavam em alcançar melhor qualidade de vida e mais dignidade, mas a crise gerada pela pandemia fez com que o sonho fosse posto em prática de maneira mais rápida. As altas taxas de desemprego, principalmente entre as chefes de família da comunidade, resultaram no “a gente se vira como pode”

Junto com o medo, a insegurança e a vontade de alcançar melhores condições de vida, o grande aumento do desemprego e a necessidade de complementar a renda familiar parecem ter sido combustíveis para a decisão de empreender.

Diante das informações e análises apresentadas, sugere-se que o empreendedor da base da pirâmide da Rocinha não se sente apoiado por

programas de incentivo ao empreendimento que forneça auxílio financeiro e jurídico que possibilite a formalização e crescimento do negócio, nem incentivo à qualificação educacional, com foco em gestão de tempo, gestão de negócios, estratégia e educação financeira. Como empreendedores por necessidade, escolhem um setor sem terem percebido uma demanda de mercado e sem se prepararem financeiramente, o que fragiliza as possibilidades de sobrevivência e crescimento destes empreendimentos. Com o suporte necessário, eles terão maiores chances de seguir à frente dos empreendimentos e torná-los negócios duradouros e de sucesso.

Referências Bibliográficas

ABDALA, V. **Taxa de informalidade no mercado de trabalho sobre para 40%, diz IBGE.** Agência Brasil, Rio de Janeiro, 30 jul. 2021. Disponível em: < https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-07/taxa-de-informalidade-no-mercado-de-trabalho-sobe-para-40-diz-ibge>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. **Cerca de 40% da população da periferia tem vontade de empreender**. Rio de Janeiro, 2019 Disponível em: <https://al-rj.jusbrasil.com.br/noticias/706310782/cerca-de-40-da-populacao-da-periferia-tem-vontade-de-empreender>. Acesso em: 20 de julho. 2021.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASTOS, B. **As oportunidades e desafios do empreendedorismo na favela.** Revista Pequenas Empresas e Grandes Negócios, Rio de Janeiro, 22 nov. 2019. Disponível em: < https://revistapegn.globo.com/Empreendedorismo/noticia/2019/11/oportunidades-e-desafios-do-empreendedorismo-na-favela.html>. Acesso em: 27 de julho de 2021.

BOEHM, C. **Moradores de favela movimentam R$ 119,8 bilhões por ano.** Agência Brasil, São Paulo, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-01/moradores-de-favelas-movimentam-r-1198-bilhoes-por-ano>. Acesso em: 23 de agosto de 2021.

Contabilizei. **Entenda quais os tipos de empresa para abrir no Brasil**. 2021 Disponível em: <https://www.contabilizei.com.br/contabilidade-online/entenda-quais-sao-os-tipos-de-empresa-para-abrir-no-brasil/>. Acesso em: 25 de agosto. 2021.

Fundação Getúlio Vargas. **FGV Social fala sobre o empreendedorismo na base da pirâmide**. Rio de Janeiro, 2019 Disponível em: <https://cps.fgv.br/destaques/fgv-social-fala-sobre-o-empreendedorismo-na-base-da-piramide>. Acesso em: 20 de setembro. 2021.

Gênero e Número; Sempreviva Organização Feminista. Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Relatório. São Paulo; Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://mulheresnapandemia.sof.org.br/relatorio>

GIL, Antônio Carlos, 1946. Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. – 4ª Ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios: Síntese de indicadores 2020**. Rio de Janeiro, 2021 Disponível em: < http://www.ibge.com.br/>. Acesso em: 19 de julho. 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios: Síntese de indicadores 2021**. Rio de Janeiro, 2021 Disponível em: < http://www.ibge.com.br/>. Acesso em: 27 de setembro. 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios: Síntese de indicadores 2018**. Rio de Janeiro, 2021 Disponível em: < http://www.ibge.com.br/>. Acesso em: 01 de novembro. 2021.

JANONE, D. **Pandemia tirou emprego de 54% dos moradores de favela no Rio.** CNN Brasil, Rio de Janeiro, 28 set. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/pandemia-tirou-emprego-de-54-dos-moradores-de-favelas-no-rio-diz-pesquisa/>. Acesso em: 30 de outubro de 2021.

KUVIATKOSKI, C. **Empreendedorismo Feminino: Como mulheres empreendedoras alcançam o sucesso.** Ideia no ar, 5 nov. 2021. Disponível em: <https://www.ideianoar.com.br/empreendedorismo-feminino-como-mulheres-empreendedoras-alcancam-o-sucesso/>. Acesso em: 08 de novembro de 2021.

MENDES, M. F. R. **O mercador de rua – Trabalho, cotidiano e perspectivas**. Franca, 2001. Dissertação (Mestrado na Faculdade de História, Direito e Serviço Social) – UNESP, 2001.

MORIN. Edgar; Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1996.

Nas favelas, 41% das famílias não conseguiram auxílio emergencial. Brasil de Fato, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/29/nas-favelas-41-das-familias-nao-conseguiram-auxilio-emergencial-diz-pesquisa>. Acesso em: 30 de julho de 2021.

NASSIF, V. M. J.; GHOBRIL, A. N.; AMARAL, D. J. Empreendedorismo por necessidade: o desemprego como impulsionador da criação de novos negócios no Brasil. **Pensamento & Realidade**, v. 24, n. 1, p. 143-168, 2009.

OLIVEIRA, Marco Antonio. Valeu! Passos na trajetória de um empreendedor. São Paulo: Nobel, 1995.

Pequenos negócios já representam 30% do Produto Interno Bruto do país. Agência Sebrae de Notícias, 08 abr. 2020. Disponível em: < https://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/pequenos-negocios-ja-representam-30-do-produto-interno-bruto-do-pais,7b965c911da51710VgnVCM1000004c00210aRCRD#:~:text=Pequenos%20neg%C3%B3cios%20j%C3%A1%20representam%2030%25%20do%20Produto%20Interno%20Bruto%20do%20pa%C3%ADs,-Estudo%20elaborado%20pelo&text=Analisando%20o%20peso%20das%20MPE,dentro%20das%20atividades%20do%20com%C3%A9rcio>. Acesso em: 27 de junho de 2021.

PINHEIRO, A. **Mulheres sem renda são as mais afetadas pela pandemia na Rocinha.** Jornal Fala Roça, Rio de Janeiro, 08 set. 2020. Disponível em: <https://falaroca.com/mulheres-afetadas-pandemia-rocinha/>. Acesso em: 09 de novembro de 2021.

ROESCH, S. M. A. Projeto de estágio e de pesquisa em administração. 2. ed. São Paulo: Atlas S.A., 1999.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Confira as diferenças entre microempresa, pequena empresa e MEI**. 2021. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/>. Acesso em: 15 de julho. 2021.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Empreendedorismo no Brasil, GEM 2019**. 2019. Disponível em: < https://ibqp.org.br/>. Acesso em: 28 de julho. 2021.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Empreendedorismo no Brasil, GEM 2020**. 2020. Disponível em: < https://ibqp.org.br/>. Acesso em: 12 de setembro. 2021.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Microempresa, Empresa de Pequeno Porte e Microempreendedor Individual: diferenças e características**. 2021. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/>. Acesso em: 27 de junho. 2021.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Painel Empreendedorismo Feminino**. 2018. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/painel-empreendedorismo-feminino/>. Acesso em: 06 de novembro. 2021.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Por que é fundamental estimular o empreendedorismo feminio?**. 2019. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/por-que-e-fundamental-estimular-o-empreendedorismo-feminino,ca96df3476959610VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 07 de novembro. 2021.

SILVEIRA, D. **Desemprego no RJ bate recorde histórico e atinge 1,6 milhão no 1° trimestre do ano, aponta IBGE.** G1, Rio de Janeiro, 27 mai. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/27/desemprego-no-rj-bate-recorde-historico-e-atinge-16-milhao-no-1o-trimestre-do-ano-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 30 de agosto de 2021.

Taxa de empreendedorismo no Brasil cai mais de 18% durante a pandemia. Agência Sebrae de Notícias, 08 jun. 2021. Disponível em: <https://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/taxa-de-empreendedorismo-no-brasil-cai-20-durante-a-pandemia,5b9809025dbe9710VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 30 de setembro de 2021.

WEY, N. **Empreendedorismo na base da pirâmide pode revolucionar sociedade.** Revista Pequenas Empresas e Grandes Negócios, Rio de Janeiro, 05 ao. 2016. Disponível em:

<https://revistapegn.globo.com/Empreendedorismo/noticia/2016/08/empreendedorismo-na-base-da-piramide-pode-revolucionar-sociedade-dizem-especialistas.html>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

ANEXO I

Pesquisa semiestruturada

1. **Com qual gênero você se identifica?**

2. **Tem quantos anos?**

3. **Qual é o seu nível de escolaridade?**

4. **Em média, quanto você ganha por mês antes de pagar suas despesas?**
    a. Até 1 salário mínimo (até R$ 1.100,00)
    b. Entre 1 e 3 salários mínimos (de R$ 1.100,01 até R$ 3.300,00)
    c. Entre 3 e 5 salários mínimos (de R$ 3.300,01 até R$ 5.500,00)
    d. Entre 5 e 7 salários mínimos (de R$ 5.500,01 até R$ 7.700,00)
    e. Acima de 7 salários mínimos (Mais de R$ 7.700,01)

5. **Tem algum outro emprego além do empreendimento?**

6. **Você mora na Rocinha desde que decidiu ter um negócio?**

7. **Já pensou em se mudar? Se sim, por quais motivos?**

8. **Mais alguém faz parte do empreendimento junto com você? Se sim, qual é a sua relação com essa pessoa?**

9. **No momento em que decidiu empreender, o que você acredita ter te impulsionado/influenciado?**

10. **Você possui conhecimento sobre como gerir um negócio? Se sim, como adquiriu esse conhecimento? Acredita que a prática ajudou nessa compreensão?**

11. **Já passou por dificuldades para conseguir emprego? Como você vê o desemprego dentro da comunidade?**

12. **Já vivenciou confrontos na Rocinha? O que você acha que eles causam nos moradores?/Qual influência você acha que eles têm nos moradores?**

13. **Já sofreu ou vivenciou algum tipo de violência verbal ou física no ambiente familiar?**

14. **Quais problemas sociais e econômicos além dos citados você enxerga na Rocinha?**

15. **Como você lida com essas situações?**

16. **Como você acha que essas situações afetam a vida do morador da comunidade?**

17. **No seu ponto de vista, passar por dificuldades como as citadas podem influenciar na decisão dos moradores da comunidade?**

18. **Alguma situação das quais falamos sobre influenciou na sua decisão de empreender?**